

# A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS EM “W BRASIL”, DE JORGE BEN JOR: DO PLANO LINGUISTICO À REALIDADE SOCIAL

Raíssa Strik<sup>1</sup>  
Prof.<sup>a</sup> Msc. Eliana S. Oliveira Valente<sup>2</sup>

## RESUMO

Este trabalho visa analisar a letra da música “W Brasil”, de Jorge Ben Jor, lançada como crítica aos acontecimentos da década de 90. Intenta-se perquirir a existência da intertextualidade e de outros fatores integrantes da construção do sentido, como base principal para esmiuçar a canção, explorando assim os norteadores teóricos da Linguística Textual, constituída a partir da referenciação de autores como Ingedore Vilaça Koch, Luiz Antonio Marcuschi, José Luiz Fiorin e outros conceituados teóricos na área. Partindo desta linha, o trabalho entrega-se a inquirição de alusões no texto, por se tratar, excepcionalmente, de uma forma única na criação de sua estrutura implícita, movimentando dizeres que camuflam significados capazes de tornar a leitura um desafio surpreendente. Em conclusão, permite-se observar que a Linguística Textual se posiciona como referência chave quando se tem a leitura como eixo de estudos, norteando a base formativa da construção de sentidos pelo sujeito leitor.

## PALAVRAS-CHAVE

Análise textual; a construção dos sentidos, W Brasil; fatores de textualidade

## 1. INTRODUÇÃO

O desafio de se tornar um sujeito leitor competente, dotado de olhar crítico e atitudes conscientes, se impõe ao homem como elemento essencial num mundo em que a manipulação cotidiana e o desejo de se constituir o outro como discípulo submisso apresenta-se cada vez mais intenso. Mas afinal, o que é ler, por que desenvolver tal habilidade se faz tão relevante?

Há muitas formas de se definir a leitura, mas escolhemos aqui o viés da teoria da Linguística Textual que, além de considerar a importância dos conhecimentos relativos ao domínio da língua, entende que fatores de ordem pragmática (situacionais) e ordem cognitiva (conhecimento prévio do sujeito leitor) atuam conjuntamente na construção do sentido.

<sup>1</sup> Graduanda em Letras pelas Faculdades Integradas Regionais de Avaré. – 18700-902 – Avaré – SP – Brasil - [raahstrik@fira.edu.br](mailto:raahstrik@fira.edu.br)

<sup>2</sup> Docente do Departamento de Letras – FIRA – Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré – SP – Brasil – [eliana.valente@hotmail.com](mailto:eliana.valente@hotmail.com)

De acordo com as palavras de Silveira (2005, p.7),

A base da leitura proficiente é a compreensão. Grosso modo, podemos dizer que ler é buscar sentidos diante da informação visual, e não apenas a simples decodificação grafo-fônica, como tradicionalmente se pensa. Durante o ato de ler, há de se atentarem, portanto, para a interação que ocorre entre os elementos cognitivos e os elementos linguísticos, contextuais/discursivos, pragmáticos, e todos os elementos que fazem parte da nossa cognição social

Contribuem para o esclarecimento da relevância da leitura para o homem, o que declaram Brandão e Micheletti (2002, p. 9), sobre o ato de ler:

É um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de intelecção de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação de palavras. O ato de ler não pode se caracterizar como uma atividade passiva.

Assim, delinea-se a relevância da competência leitora para o sujeito, já que o entendimento daquilo que se lê pode ser a chave para descobertas incríveis, estímulo para o desenvolvimento do universo criativo e competência de atuação na sociedade, de modo a contribuir para a reflexão e o desenvolvimento social.

A leitura terá de se tornar algo que possibilite a criação ou a (re) criação de novas janelas por parte do leitor, janelas que darão rumo ao mundo que ele deseja descortinar à sua frente. A leitura deverá ser parte do processo de libertação e de identificação do homem. Qualquer homem deverá saber que com a leitura o seu universo pode sofrer transformações incomensuráveis, sejam elas físicas e/ou psíquicas. É possível descortinar um mundo oculto pelo ato de ler, e isso é imprescindível que todos saibam. (ALMEIDA, 2006, p. 149).

A construção dos sentidos requer o uso de todas as estratégias possíveis de leitura, inclusive a de relacionar o texto com o mundo e fazê-lo significativo para sua própria vida. Além disso, não se pode esquecer de que por trás de um texto há um sujeito-autor, impregnado de ideologias e intencionalidades, que trabalha a superfície textual a fim de direcionar o olhar leitor para aquilo que lhe convém. Na perspectiva interacional da leitura, a compreensão abarca tanto o explícito no plano textual como o implícito, que requer maior aplicabilidade leitora. Nesse sentido, Solé (1998, p.2) declara:

Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias; precisamos nos envolver em um processo de previsão e inferência contínua, que se apoia na informação proporcionada pelo texto e na nossa própria bagagem, e em um processo que permita encontrar evidência ou rejeitar as previsões e inferências antes mencionadas.

Boff (1998, p. 9) contribui para o enriquecimento deste ponto de vista, considerando a leitura uma ação subjetiva e social:

Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha (...)

Considerando todas essas questões sobre a complexidade do ato de ler e compreendendo que os sentidos de um texto se constroem a partir dele, mas não nele especificamente, nasceu a proposta para a realização deste trabalho. O objetivo é, por meio de uma investigação no plano textual e da investigação dos fatores de coerência textual propostos pela Linguística do Texto, evidenciar como a letra da canção W Brasil, de Jorge Ben Jor, foi construída implicando informações que apontam para a realidade social de sujeitos e espaços reais, gritando ideologias e denunciando acontecimentos.

## **2. PRINCÍPIOS DA LINGUÍSTICA TEXTUAL**

Apresenta-se em obviedade que a Linguística Textual é a ramificação da Linguística, a qual esmiúça o texto como seu objeto de estudo. Enlaçando essa asserção, encaixa-se a existência das inúmeras compreensões do que é texto e seus estudos teóricos no decorrer de seu desenvolvimento, colaborando com valiosos conceitos e enaltecendo sua constante transformação.

### **2.1. O estudo do texto**

Por anos, perquiriu-se o conceito de texto, e para sanar a questão, estudos desenvolvidos sob a perspectiva da Linguística Textual, a partir da década de 1960, aprofundaram-se sobre o tema.

Antes disso, o limite de análise era a frase, a qual tornou-se unidade máxima dos estudos formalistas. Ancorava-se o olhar na organização frasal, nos sintagmas constituintes dos enunciados e nos sentidos superficiais do plano linguístico. Em dado momento, percebeu-se a necessidade de ir além da frase, o olhar passou a focar relações interfrasais, e o texto passou a ser entendido como sequência pronominal ininterrupta. Também conhecida como Fase Transfrástica na evolução da Linguística Textual, assim, iniciou-se a observação da frase relacionada a outra frase, numa perspectiva de somatória frasal que constituiria o texto (da frase

para o texto). Estudava-se, nessa perspectiva, a correferência, ou seja, de que forma algo se relacionava a outro termo com o mesmo referente de modo mais fácil. Koch (2015, p. 3) explica:

Entre os fenômenos a serem explicados, contava-se a correferência, a pronominalização, a seleção do artigo (definido/indefinido), a ordem das palavras, a relação tema/tópico-rema/comentário, a concordância dos tempos verbais, as relações entre enunciados não ligados por conectores explícitos, diversos fenômenos de ordem prosódica, entre outros. Os estudos seguiam orientações bastante heterogêneas, de cunho ora estruturalista ou gerativista, ora funcionalista.

Mais adiante, evidentemente sendo insatisfatória e incompleta a tentativa de definir o texto focando na frase, os adeptos da nascente Linguística Textual, surgem as Gramáticas de texto. O texto era compreendido neste período como uma unidade linear, um todo passível de ser segmentado em unidades menores, ou seja, partia-se do texto para se chegar às unidades linguísticas, gramaticalmente estruturadas. Influenciada pelos estudos gerativistas, de Chomsky, a teoria pautava-se na convicção de que todo o falante teria a capacidade textual para que pudesse produzir um determinado texto, defendendo que o sujeito possui a capacidade de organizar em sua mente os textos com coesão e coerência, independente das conexões explicitadas pelos elementos linguísticos de superfície. A ação verbal era o fator em destaque, como bem explica MARCUSCHI (2012, p. 26) ao declarar que o texto é visto como “uma unidade comunicativa e não como uma simples unidade linguística. [...] Neste caso, a LT é a descrição da correlação entre a produção, a constituição e a recepção de textos”.

Assim, na metade da década de 70, passa a ser desenvolvido um modelo de base que compreendia a língua como uma forma específica de comunicação social, da atividade verbal humana, interconectada com outras atividades (não linguísticas) do ser humano. (...) Caberia, então, à Linguística Textual a tarefa de provar que os pressupostos e o instrumental metodológico dessas teorias eram preferíveis ao estudo dos textos e de sua produção/recepção, ou seja, que se poderia atribuir também aos textos a qualidade de formas de ação verbal. (KOCH, 1988, p. 14)

Entretanto, essa forma de se estudar o texto se esbarrava em limitações não desejadas pelos estudiosos, como o fato de não haver possibilidade de organizar gramáticas modeladas pelos estudos frasais, ou mesmo, a impossibilidade de explicitar todos os elementos integrantes do texto no interior dele mesmo ou do sujeito que o organiza. Era necessário se pensar pragmaticamente o texto, bem como considerar o sujeito leitor e suas experiências particulares para a constituição dos sentidos.

Surgem então as Teorias do texto, que consolidaram definitivamente a Linguística Textual. A partir daqui o texto passa a ser visto como um processo em constante evolução, não

devendo ser compreendido como produto finalizado, exigindo a aplicação dos sujeitos - autores e leitores – e toda a sua bagagem cognitiva para a construção do sentido, bem como a exterioridade social e temporal.

Na década de 80, delineia-se uma nova orientação nos estudos do texto, a partir da tomada de consciência de que todo fazer (ação) é necessariamente acompanhado de processos de ordem cognitiva, de que quem age precisa dispor de modelos mentais de operações e tipos de operações. Com a tônica nas operações de ordem cognitiva, o texto passa a ser considerado resultado de processos mentais: é a abordagem procedural, segundo a qual os parceiros da comunicação possuem saberes acumulados quanto aos diversos tipos de atividade da vida social, têm conhecimentos representados na memória que necessitam ser ativados para que sua atividade seja coroada de sucesso. (KOCH, Ingedore, Villaça, p. 21)

O que se desenha nessa perspectiva inova o processo de investigação textual, já que o sujeito age sobre o outro e sobre a sociedade em que vive por meio dos seus pensamentos projetados nos textos que produz. Também recebe informações e influências por meio dos textos que chegam até ele, num processo de interação social constante.

No momento em que a língua é vista como um processo interativo, em que os elementos linguísticos e extralinguísticos precisam ser analisados, entre eles, os contextos sociais, os sujeitos envolvidos no processo da interação, as intencionalidades presentes no momento da enunciação, a recepção, o conceito de texto assume uma nova postura. (ALMEIDA, 2019, p. 23)

Agora se faz necessário, portanto, entender que o texto é multifacetado e se constrói no processo social e interativo, em que o contexto (pragmático e histórico) e os sujeitos se projetam e interferem no dizer manifesto.

Fundamentamo-nos, pois, em uma concepção sócio-cognitivo-interacional de língua, que privilegia os sujeitos e seus conhecimentos em processos de interação. O lugar mesmo de interação – Como já dissemos – é o texto, cujo sentido “não está lá”, mas é construído, considerando-se, para tanto, as “sinalizações” textuais dadas pelo autor e os conhecimentos do leitor, que, durante todo o processo de leitura, deve assumir uma atitude “responsiva ativa”. Em outras palavras, espera-se que o leitor concorde ou não com as ideias do autor, complete-as, adapte-as etc. (KOCH e ELIAS, 2006, p. 12, apud CAVALCANTE, 2016, p. 20)

O texto passa a ser um elemento ancorado à cognição, pautando-se nos processos do homem em espaço mental e social, e que se estabelecem em contato com outros sujeitos, em atividade verbal, carregando todo o conhecimento que engloba os mais variados contextos. Assim, o sujeito usa de sua criativa e persistente bagagem discursiva para o estabelecimento de fenômenos verbais providos de sentido em construção.

Em outras palavras, entende-se que texto é a inferência da atividade verbal de sujeitos em sua jornada social, e ainda se teoriza que estes coordenam suas ações no intuito de alcançar um fim social, de conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza (Koch, 2009), e se manifesta com elementos linguísticos seletivamente destacados no ato da enunciação.

## **2.2. A construção dos sentidos: breves considerações**

Pode-se simplificadamente dizer que o texto se desenvolve numa atividade comunicativa social, recheado de fenômenos linguísticos, respaldados por elementos de ordem cognitiva, fatores sociais, históricos e interacionais. Então, acoplado o entendimento das teorias, o texto não possui sentido em si mesmo, mas se estabelece a construção do sentido a partir dele, no curso da interação. A compressão do leitor não ocorre pelo simples contato com a superficialidade linguística do texto, para que se construa o sentido, é necessário que se observe a textualidade, ou seja, tudo o que faz com que um texto seja um texto.

Koch usa a metáfora do *iceberg* (BEUGRANDE, 1997, p. 16, apud KOCH e ELIAS, 2016, p. 34) para explicar como a textualidade se constitui, ou seja, ela esclarece que o texto pode ser comparado a um iceberg cuja superfície linguística seria apenas a ponta dele passível de observação primária, a imersão profunda da leitura estaria na base gigantesca escondida sob as águas – ou seja – naquilo que não está explicitado, seja no alinhamento cognitivo, seja nas relações pragmáticas de ordem comunicativa ou histórica. KOCH (2009, p. 30) declara, nesse sentido, que “Para se chegar às profundezas do implícito e dele extrair um sentido, faz-se necessário o recurso aos vários sistemas de conhecimento e à ativação de processos e estratégias cognitivas e interacionais”. Segundo Platão e Fiorin (2000, p. 241):

Um dos aspectos mais intrigantes da leitura de um texto é a verificação de que ele pode dizer coisas que parece não estar dizendo: além das informações explicitamente enunciadas, existem outras que ficam subentendidas ou pressupostas. Para realizar uma leitura eficiente, o leitor deve captar tanto os dados explícitos quanto os implícitos.

Nessa atividade, os sujeitos se apoiam em conhecimentos armazenados em suas lembranças, desde a menor unidade àquela que sobressai na construção dos sentidos de um referido texto, partindo da seleção lexical ou outro agente do plano linguístico, ou mesmo de lacunas deixadas intencionalmente no texto para que sejam completadas pelo outro, num movimento de inferência, que para a Linguística Textual consiste em construir sentidos a partir

da insinuação textual, preencher espaços com sentidos possíveis a partir daquilo que o texto, o espaço e os conhecimentos permitem. Sobre isso, Marcuschi diz que (2008, p. 249):

As inferências na compreensão de texto são processos cognitivos nos quais os falantes ou ouvintes, partindo da informação textual e considerando o respectivo contexto, constroem uma nova representação semântica. Para tanto, será necessário ter clareza não apenas em relação ao que se deve entender por informação, mas também o que vem a ser contexto. [...] as inferências introduzem informações por vezes mais salientes que as do próprio texto.

Diante do desafio da leitura, já que o processo de construção de sentido se coloca então como uma ação complexa e de extrema relevância, será apresentada a seguir a análise da letra da música “W Brasil”, cujo entendimento eleva a necessidade de interação do sujeito leitor com o texto e a ativação de diversos fatores para a construção do sentido.

### **3. RAÍZES DO BEN: misturas de ritmos**

Jorge Ben Jor é o nome artístico de Jorge Duílio Lima Meneses, compositor, guitarrista e cantor carioca, nascido na década de 40, com vasta produção musical em tons satíricos, críticos, místicos que sempre soube produzir letras peculiares sem perder o bom humor. Desde muito cedo conheceu a “mistura dos sons”, dos ritmos e gêneros diferentes. Fez com que se inovasse a música brasileira e permitiu ao seu público conhecer textos ricos em fatos históricos e críticas sociais, as quais se tornaram instrumentos vastos de estudos pela complexidade em suas letras, devido à conexão temporal e contextual que apresentam como motivação para as composições.

Ainda na adolescência, Ben Jor ganhou de presente de sua mãe um violão e passou a reproduzir todos os gêneros de sucesso daquela época, conquistando ouvintes nas mais variadas festas que costumava frequentar. Conheceu grupos musicais famosos da Bossa Nova, compostos por grandes nomes da Música Popular Brasileira, os quais muito se agradaram com o jeito espontâneo e peculiar do compositor, já que estavam acostumados com apenas um ritmo e, ao escutarem a musicalidade eclética da mistura de gêneros de Ben Jor, sentiram-se impressionados. Sua carreira alavancou, sendo considerado um dos maiores nomes da música popular brasileira.

### **4. A ENCOMENDA**

Na década de 90, Washington Olivetto, empresário, publicitário e um dos donos da empresa *W/Brasil*, encomendou a Jorge Ben Jor, seu amigo pessoal, a criação da música,

lançada em 1992, com o mesmo nome da empresa. “W Brasil” tornou-se um grandioso sucesso nos anos noventa em todo o Brasil, sendo cantada pela primeira vez numa festa de fim de ano da empresa, promovida por Olivetto.

Para ele, houve grande euforia ao conhecer a canção por se tratar do nome de sua agência em uma obra de seu grande amigo: “Foi a coisa mais linda que aconteceu na minha vida”, comenta em entrevista ao programa *Carona* (Ribeiro, 2015). Olivetto – na ocasião da entrevista, contou sobre o contexto em que a ideia da canção nasceu e isso contribuiu para o entendimento dela:

O publicitário conta que, logo após um show intenso de três horas de Ben Jor, ele com a equipe da W / Brasil, sentaram para um jantar e começaram a falar da política da época da era **Fernando Collor** e assim, nasceu o outros trechos da canção: “O Jorge mais alguns amigos da agência e era o início do governo Collor, ai começamos a falar mal daquele governo, e o Jorge começou a pensar em coisas e já tinha o Alô Alô W/Brasil, e ele somou aquela loucura do governo Collor com o Brasil que dava certo com o Brasil da W / Brasil”, conta. E o grande **Tim Maia** é citado, “o curioso até porque a gente escreveu um papo onde a gente estava dizendo o Brasil está tão louco que se o Brasil fosse um prédio o síndico seria o Tim Maia”, afirma. (RIBEIRO, 2015)

Todas as informações de Olivetto contribuíram para a construção dos sentidos durante a análise realizada neste trabalho, questões que serão pontualmente discutidas no tópico analítico aqui desenvolvido. Segue a letra da música, para quem ainda não conhece.

#### LETRA DA MÚSICA “W BRASIL” – JORGE BEM JOR

Alô, Alô W o Brasil  
Alô, Alô W o Brasil...

Jacarezinho! Avião!  
Jacarezinho! Avião!  
Cuidado com o disco voador  
Tira essa escada daí  
Essa escada é pra ficar  
Aqui fora  
Eu vou chamar o síndico  
Tim Maia! Tim Maia!  
Tim Maia! Tim Maia!...

O trem corre no trilho  
Da Central do Brasil  
O trem corre no trilho  
Da Central do Brasil...

Incluindo paixão antiga  
E aquele beijo quente  
Que eu ganhei da sua amiga  
E o que é que deu?  
Funk na cabeça  
E o que é que deu?  
Funk na cabeça

Alô, Alô W o Brasil  
Alô, Alô W o Brasil...

Jacarezinho! Avião!  
Jacarezinho! Avião!  
Cuidado com o disco voador  
Tira essa escada daí  
Essa escada é pra ficar  
Aqui fora  
Eu vou chamar o síndico  
Tim Maia! Tim Maia!  
Tim Maia! Tim Maia!



E o que é que deu?  
Funk na cabeça  
E o que é que deu?  
Funk na cabeça  
Deu no New York Time  
Fernando, o Belo  
Não sabe se vai  
Participar  
Do próximo campeonato  
De surf ferroviário

Surfista de trem  
Surfista de trem  
Deu no New York Time  
A Feira de Acari  
É um sucesso

Tem de tudo  
É um mistério  
Deu no New York Time  
Dizem que Cabral 1  
Descobriu a filial  
Dizem que Cabral 2  
Tentou e se deu mal  
Dizem que Cabral 1  
Descobriu a filial  
Dizem que Cabral 2  
Tentou e se deu mal

Amor! Dor! Dor!  
Lá da rampa mandaram avisar  
Que todo dinheiro será devolvido  
Quando setembro chegar  
Num envelope azul indigo  
Num envelope azul indigo  
Chama o síndico  
Tim Maia! Tim Maia!  
Tim Maia! Tim Maia!  
Alô, Alô W o Brasil  
Alô, Alô W o Brasil

Da Central passando  
Pela Mangueira  
Dando uma volta na Pavuna  
E chegando em Madureira  
É lá!  
Que o samba rola de primeira  
É lá!  
Que o samba rola de primeira

Alô, Alô tia Léia  
Se tiver ventando muito  
Não venha de helicóptero  
Alô, Alô tia Léia  
Se tiver ventando muito  
Não venha de helicóptero

Alô Alô, W o Brasil  
Alô Alô, W o Brasil

- Alô telefonista  
Me desperte às 7: 15 por favor  
Rádio táxi 9 e meia  
Senão o bicho pega  
Eu também quero graves  
Médios e agudos...

Eu vou chamar:  
Jacarezinho! Avião!  
Jacarezinho! Avião!  
Cuidado com o disco voador  
Tira essa escada daí  
Essa escada é pra ficar  
Aqui fora  
Eu vou chamar o síndico:  
Tim Maia! Tim Maia!  
Tim Maia! Tim Maia!  
Tim Maia!

## 5. A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS EM “W BRASIL”

Para muitos ouvintes/leitores, a letra dessa música é confusa e vaga, sem sentido nenhum. Há quem diga que se trata de uma porção de frases colocadas aleatoriamente uma após a outra e que formou um todo inconsistente de sentidos, embora sonoramente eficiente. Entretanto, o que se nota, na verdade, é que se trata de um texto de leitura complexa, já que o

princípio de análise desta música exige questionamentos sobre as seleções lexicais, sintáticas e contextuais, exigindo do leitor ativações da memória discursiva e do conhecimento histórico, ou seja, do contexto restrito e amplo, aprofundamento fortemente estruturados ao efetivo trabalho de construção dos sentidos. Assim se estabelece a coerência, por se tratar de um texto complexo e rico em características interdiscursiva, todo olhar superficial em busca do óbvio irá se frustrar.

A coerência, portanto, longe de construir mera qualidade ou propriedade do texto, é resultado de uma construção feita pelos interlocutores, numa situação de interação dada, pela atuação conjunta de uma série de fatores de ordem cognitiva, situacional, sociocultural e interacional (cf. Koch & Travaglia, 1989 e 1990).

Dizemos então que o sentido não está no texto, ou seja, sua coerência não se estabelece em seu interior, como podemos ver a partir dos estudos de Koch, 1997:

Se, porém, é verdade que a coerência não está no texto, é verdade também que ela deve ser construída a partir dele, levando-se, pois, em conta os recursos coesivos presentes na superfície textual, que funcionam como pistas ou chaves para orientar os interlocutor na construção do sentido.

E todo texto é um intertexto – em sentido amplo - que integra outros textos em seu interior, como explica Barthes (1974) ao declarar que “todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis”.

Partindo deste esclarecimento introdutório sobre o sentido do texto e sua construção a partir dele, ancoramos a primeira estrofe da música com a seguinte frase:

“Alô, Alô W o Brasil”, que se repete ao longo da música. Num primeiro momento, podemos retomar o contexto imediato do lançamento do disco e teremos o sentido atrelado à motivação inicial da composição, que seria a encomenda para a agência W Brasil, do publicitário Olivetto. Entretanto, o leitor, a partir dos seus conhecimentos prévios, pode resgatar outros discursos marcados por essa expressão, dentre elas o título de um filme lançado em 1935 que contou com a participação de muitos cantores populares da época, além do nome de uma canção de Gonzaguinha lançada na década de 80, quando cuja temática era o desejo de levar alegria e esperança para o povo brasileiro. A expressão “Alô, Alô!” também ficou famosa na fala de um dos apresentadores mais famosos da televisão brasileira, José Abelardo Barbosa de Madeiro, conhecido como Chacrinha (entre os anos 50 e 80 seu programa de auditório foi considerado o melhor do Brasil), que de praxe usava a expressão “Alô, Alô” para dar início ao seu programa, quase sempre acompanhado do nome “Terezinha”.

Seja qual for a relação interdiscursiva estabelecida, neste contexto específico da música, o dizer parece cumprir a função fática da linguagem, que é a de estabelecer comunicação, ou seja,

funcionou como uma chamada à sociedade brasileira para que se atentasse ao que seria cantado e compreendesse para a realidade. A partir daí o que se lê são referências aos acontecimentos da nação, tendo em vista os fatos ocorridos na época de sua criação (início dos anos 90).

O que chama a atenção ainda nesse início é a colocação do artigo “o” antecedendo o substantivo próprio Brasil - Alô, Alô *W o Brasil!*”, que ao ser pronunciado faz ouvir a construção sonora WO, muito conhecida no meio esportivo. Originária do inglês, a sigla deriva do termo “**Walkover**” (“**vitória fácil**”, em tradução livre), punição aplicada a uma equipe quando ela, por algum motivo, não tem condições de disputar ou seguir disputando um jogo. Trazendo para o contexto brasileiro da época em que a música foi escrita e devido às temáticas abordadas ao longo do texto, essa parece ser a leitura mais coerente. O Brasil é quem sai perdendo, o país sofre a punição diante dos fatos, o povo – no caso aquele que está sendo chamado pelo “Alô, alô” – deve tomar atitude para mudar o resultado, sem a ação coletiva e a tomada de consciência dos brasileiros para lutar pelas mudanças necessárias, o Brasil estará sempre derrotado pela ausência de participação ativa. A partir daí o que se vê são apontamentos de muitos problemas enfrentados pelo povo brasileiro.

A dificuldade de se perceber a intencionalidade se dá pela conexão temporal aos fatos do período em que a letra foi escrita, a falta de conhecimento sobre os temas abordados gera a sensação de desordem no texto. A implicitude temática conta com o esforço do sujeito leitor para a construção dos sentidos a serem inferidos a partir das pistas sugeridas na superfície linguística. Como esclarece Silveira (2005, p.7): “Durante o ato de ler, há de se atentarem, portanto, para a interação que ocorre entre os elementos cognitivos e os elementos linguísticos, contextuais/discursivos, pragmáticos, e todos os elementos que fazem parte da nossa cognição social”.

O primeiro problema apontado no texto é de ordem social, numa referência implícita ao contexto carioca e se relaciona com a criminalidade gerada pelo mundo do tráfico de drogas.

Jacarezinho! Avião!  
Jacarezinho! Avião!  
Cuidado com o disco voador  
Tira essa escada daí  
Essa escada é pra ficar  
Aqui fora  
Eu vou chamar o síndico  
Tim Maia! Tim Maia!  
Tim Maia! Tim Maia!

O vocábulo “Jacarezinho” faz alusão a uma das mais maiores e mais violentas favelas da cidade do Rio de Janeiro, famosa pelo tráfico de entorpecentes, mortes violentas e pela

permanente miséria em que seus moradores vivem. Seguem outros termos que se relacionam com situações próprias do local, a começar pelo “Avião”, tipicamente usado em sentido conotativo pelos moradores da favela referindo-se aos garotos responsáveis por entregas de entorpecentes na localidade.

Outro termo que chama atenção está no verso “Cuidado com o disco voador”. O que seria esse “disco voador”? Nas favelas em que a criminalidade é comum, como na de Jacarezinho, essa expressão define tudo o que é diferente, que interfere na zona de conforto dos que vivem ali. O que não pertence ao conhecimento deles é considerado perigoso. É muito comum “Disco voador” ser usado pelos informantes que vigiam as favelas para referirem-se à chegada de policiais. Neste ponto vale citar a ocorrência intertextual com a série televisiva “Chaves del ocho”, programa mexicano tão popular no Brasil, mais especificamente no episódio: “Ha llegado el platillo volante” (O disco voador chegou), quando o senhor Madruga pede a Chaves que avise sobre a chegada do senhor Barriga na vila, a quem aquele devia o aluguel e não tinha intenção de pagar. Deu-se então o combinado, e todas as vezes em que o dono da vila chegava, Chaves dizia bem alto em sinal de alerta: “Já chegou o disco voador”.

Na sequência, surge uma palavra que parece totalmente fora de contexto: “escada”. O que teria a ver com o assunto tratado? Como inserir no contexto da violência? Do tráfico? Eis um dos momentos em que a temporalidade textual torna a leitura obscura. Entretanto, a pesquisa pelo contexto conecta os elementos e promove a construção dos sentidos. Escadinha era o apelido do maior traficante já conhecido no Rio de Janeiro - José Carlos dos Reis Encina – o fundador da facção criminosa Falange Vermelha, que depois se tornou o temido Comando Vermelho.

O que mais chama a atenção na história deste criminoso é a quantidade de vezes que ele foi preso e as suas fugas, com detalhes cinematográficos, como a de 1985 – após ter sido preso na favela do Jacarezinho - quando conseguiu fugir de helicóptero do presídio onde cumpria sua pena. Além disso, Escadinha criou sua própria lei, cuidava da segurança na comunidade onde vivia (Morro do Juramento), distribuía comida às famílias necessitadas e era admirado na favela, chegando a manter uma creche no local, conhecida como escola Príncipe da paz, de acordo com informações do jornal Estadão online (acessado em 10/10/21). Assim, “Tira essa escada daí”/ “Essa escada é pra ficar aqui fora” parece absolutamente coerente com o contexto apresentado, já que ele se encontrava preso na época em que a música em análise foi escrita. Numa espécie de “voz do povo da favela”, que pede pela soltura do traficante endeusado e, num

plano diferente de leitura, pode ser compreendido como a voz da justiça que clama pela saída dele do meio do povo da favela, devendo então ficar fora dela, à disposição da justiça.

Diante de tantos problemas gerados pela desordem social, eis que aparece o verso – que se repete ao longo do texto: “Eu vou chamar o Síndico, Tim Maia”. Em um condomínio ou prédios, o funcionamento de suas instalações e decisões deve ser feito pelo síndico, que foi escolhido pelo conselho fiscal e moradores. Porém, quando se revela a identidade do “síndico” - “Tim Maia” – o leitor é obrigado a buscar conhecimento para interagir com a informação. Neste caso, nada será resolvido por esse “síndico”, já que Tim Maia era famoso por não comparecer aos seus compromissos pessoais e profissionais, deixando – inclusive - de aparecer aos seus próprios shows. Além disso, Tim Maia assumiu, em certa ocasião, o compromisso de ser síndico do prédio em que morava, mas por sua péssima administração, indisciplinado como era, sua gestão foi caótica e tudo sempre acabava em grande confusão, gerando transtornos recorrentes aos moradores. Com isso, pode-se facilmente deduzir que as autoridades compactuavam com a situação da violência, do tráfico e não cumpriam com suas responsabilidades, nunca resolviam os problemas, leitura possível no plano de construção de sentidos para a canção.

O trem corre nos trilhos  
Da Central do Brasil  
O trem corre no trilho  
Da Central do Brasil

Na sequência surge a estrofe acima que parece destoar de toda a confusão social anterior. “O trem corre nos trilhos” aparentemente esboça a organização funcional eficaz, entretanto essa afirmação vem completada “Da central do Brasil”. É muito comum, numa análise mais superficial, atribuir os sentidos à famosa Central do Brasil – Estação de trem que virou inclusive filme na década de 90. Todavia, dadas as circunstâncias enunciativas, a ironia parece ser a melhor forma de se construir os sentidos desse enunciado.

Nada pode ser considerado irônico se não for proposto e visto como tal; não há ironia sem ironista, sendo este aquele que percebe dualidades ou múltiplas possibilidades de sentido e as explora em enunciados irônicos, cujo propósito somente se completa no efeito correspondente, isto é, numa recepção que percebe a duplicidade de sentido e a inversão ou a diferença existente entre a mensagem enviada e a pretendida. (DUARTE, 1994, p.55)

Enquanto a bagunça se instala no Brasil, a violência e o tráfico ganham forças, na “Central do Brasil” (Brasília), tudo continua como se estivesse bem. O trem (o governo da época – Collor e sua equipe) continua nos trilhos (seguem governando apesar da desordem instalada no Planalto Central). Ou seja, aquilo que parecia ser o anúncio de algo positivo na

música é desconstruído pelos conhecimentos cognitivos do sujeito leitor, ao promover essa leitura.

O que se segue na letra da canção é iniciado com uma informação que se conecta ao que vinha sendo dito, sendo que o termo “incluindo” é quem principia a relação de sentido, como se pode verificar abaixo:

Incluindo paixão antiga  
E aquele beijo quente  
Que eu ganhei da sua amiga  
E o que é que deu?  
Funk na cabeça  
E o que é que deu?  
Funk na cabeça

O problema aqui é mais uma vez a sequência aparentemente desconectada das questões políticas e sociais até então discutidas. Como fã de Tim Maia que o autor do texto sempre se declarou, alude a uma música deste cantor intitulada “Paixão antiga”, referência implícita difícil de ser percebida. Entretanto, quando levada ao contexto de criação de W Brasil, o leitor se depara com uma paixão (literalmente falando) na esfera política, que por não ter sido contida – como acontece com a paixão antiga retratada na canção de Tim Maia, em que o sentimento tem tanta força que não pode ser disfarçado – provocou a saída de dois importantes ministros do governo Collor: Zélia Cardoso de Melo (da Economia) e Bernardo Cabral (da Justiça). E a canção completa: “E o que é que deu? Funk nada cabeça”, ou seja, “Funk” foi a inovação de Jorge Ben Jor em W Brasil, inspirada em todo o contexto político e social da época - numa confusão de ritmos que originou a novidade musical do artista, o samba-funk. O crítico musical carioca Túlio Ceci Villaça explicita a contribuição criativa do artista quando o assunto é W Brasil:

Em todos os cantos pode-se ouvir os ecos da levada de W/ Brasil até hoje. Foi quando o samba-rock virou samba-funk. E ficou claro que ele pode virar samba-qualquer coisa que se queira. Desde que haja alguém como o Benjor para acertar o ponto. (VILLAÇA, 2010)

E prosseguem as críticas às confusões políticas do governo Collor:

Deu no New York Time  
Fernando, o Belo  
Não sabe se vai  
Participar  
Do próximo campeonato  
De surf ferroviário

Surfista de trem  
Surfista de trem

Deu no New York Time  
A Feira de Acari  
É um sucesso

Tantos foram os problemas deste período político em que Fernando Collor de Mello esteve à frente da presidência do Brasil, que os olhares da mídia internacional começaram a se voltar para o caos nacional. Em agosto de 1992, com a convocação popular para sair às ruas pedindo o impeachment do então presidente, O jornal norte-americano *The New York Times* publicou um editorial a respeito da situação política do Brasil sob o título "Lágrima pelo Brasil", que ganhou grande repercussão.

“Fernando, o Belo” foi a expressão sarcástica usada por Ben Jor para se referir a Fernando Collor de Mello, presidente responsável por um dos maiores golpes financeiros do país, aquele que estaria em dúvidas se “vai participar do próximo campeonato de surf ferroviário”, metáfora para as futuras eleições.

O maior problema de Collor era sua maneira de ser. Sua boa aparência e queda por esportes arriscados o haviam tornado o político brasileiro mais telegênico em muitas décadas. [...]No entanto, a boa aparência não conseguia esconder uma atitude arrogante, própria de uma fase anterior da política brasileira. [...] Estava habituado a fazer poucas concessões ao lidar com outros políticos. Parecia a encarnação do "coronel" da política nordestina, acostumado a mandar (SKIDMORE, 2000, p. 35).

Como pode se ver, os esportes arriscados como pilotar avião caça da força aérea e Jet-ski também foram sarcasticamente metaforizados no texto. Lembrando que o “surf de trem” se refere a um esporte perigoso praticado por jovens cariocas, aqui o surfista é outro – Collor – a bordo do trem – governo brasileiro. Ou seja, ele era um aventureiro na política brasileira e – portanto – na presidência da República – cuja aventura estaria prestes a terminar (pelo impeachment, que o afastaria por anos das novas campanhas eleitorais = “campeonato de surf ferroviário”).

Neste mesmo interim, temos a existência de notícias sobre “A Feira da Acari”, “apresentada” também no New York Times. Conhecida no Rio de Janeiro como uma feira popular e famosa por vender produtos com preço baixo, tendo em vista ser a maioria proveniente de furtos e roubos – portanto, comércio de produtos originários de crimes – entende-se que o jornal norte-americano não falara sobre a feira, mas sobre o Brasil, tão fraudulento quanto a feira, cheio de crimes, inclusive pelo “roubo” praticado contra o povo brasileiro na época, o confisco da poupança, sob o pretexto de plano econômico que salvaria a economia brasileira. Assim, a Feira de Acari aqui referida, seria Brasília – “um sucesso” em escândalos, onde acontece “de tudo”.

A Feira de Acari  
É um sucesso

Tem de tudo  
É um mistério  
Deu no New York Time  
Dizem que Cabral 1  
Descobriu a filial  
Dizem que Cabral 2  
Tentou e se deu mal  
Dizem que Cabral 1  
Descobriu a filial  
Dizem que Cabral 2  
Tentou e se deu mal

Outra brincadeira cheia de insinuações foi com o trocadilho Cabral. Se o jornal New York Times falou, foi sobre o Cabral ministro (Cabral 2) – já citado – envolvido no famoso escândalo amoroso da época com a ministra Zélia – e não sobre Pedro Alvares Cabral, o descobridor do Brasil (“filial” portuguesa), como nossa memória atrelada aos fatos históricos recupera de imediato (Cabral 1 neste caso).

A “filial” neste contexto é Zélia, já que era a amante de Bernardo Cabral, homem casado com Zuleide da Rocha Bernardo Cabral. Assim, ao ter a “filial” descoberta, esse Cabral “...se deu mal”, e todo o desgaste do escândalo acabou gerando sua renúncia.

Amor! Dor! Dor!  
Lá da rampa mandaram avisar  
Que todo dinheiro será devolvido  
Quando setembro chegar  
Num envelope azul indigo  
Num envelope azul indigo  
Chama o síndico  
Tim Maia! Tim Maia!  
Tim Maia! Tim Maia!

Essa estrofe parece, de imediato, que o tema continuará sendo o amor de Zélia e Cabral, causador de sofrimento aos envolvidos. Entretanto, a competência leitora do sujeito percebe ambiguidade de sentido. O termo amor, em “Amor! Dor! Dor”, permite ser entendido como o amor ao dinheiro confiscado pelo governo e a dor causada pela ação. Com toques bem-humorados e críticas ácidas ao governo Collor, Jorge Ben Jor diz: “Lá da rampa mandaram avisar que todo o dinheiro será devolvido quando setembro chegar”, tendo em vista que esse era o mês prometido (setembro de 1991) pelo governo para dar início à devolução dos valores retidos, a ser feito em 12 parcelas e “Num envelope azul indigo” (cor principal do logotipo da Caixa Federal, o maior banco público do Brasil). Mas vale dizer que esse azul também



representa o infinito, o céu, o mar... ou seja, elementos simbólicos daquilo que não se pode alcançar, sarcasticamente insinuando a improvável devolução dos valores confiscados das poupanças do povo brasileiro.

Novamente, “Tim Maia” é chamado – ou seja, o síndico – aquele que deveria colocar ordem na bagunça. E segue o Brasil perdendo por WO.

Alô, Alô W o Brasil  
Alô, Alô W o Brasil  
Da Central passando  
Pela Mangueira  
Dando uma volta na Pavuna  
E chegando em Madureira  
É lá!  
Que o samba rola de primeira  
É lá!  
Que o samba rola de primeira

No trecho “Da Central – Brasília - passando pela Mangueira, dando volta na Pavuna e chegando em Madureira”, faz referência aos bairros fluminenses do Rio de Janeiro também conhecidos por seus altos índices de criminalidade, e que sob os olhares das autoridades “o samba rola de primeira”, ou seja, “a festa” é geral, em outras palavras, estabelece-se a desordem graças à má administração do país e a falta de leis sérias.

Caminhando para o fechamento, Ben Jor desafia o leitor com mais uma construção complexa. A memória histórica do sujeito que conhece a Bossa Nova, recupera a figura de Lea Millon – conhecida no meio artístico como Tia Léa – importante empresária musical brasileira falecida em 2011 – que ajudou muitos músicos a construir carreira de sucesso (trabalhou com Gilberto Gil, Caetano Veloso e o próprio Ben Jor). O Brasil bagunçado, despreparado e inseguro continua sendo o tema tratado. O compositor usa da figura de Tia Léa, que frequentemente visitava Búzios de helicóptero – como era sabido pelas pessoas de sua convivência – para incitar a reflexão do sujeito leitor. Numa alusão ao desaparecimento do helicóptero em que viajava de Angra dos Reis para São Paulo o então Deputado Federal Ulysses Guimarães, sua esposa e outro casal de amigos. Como numa viagem tão curta não se percebeu que o tempo estava impróprio para voo? Em tom de alerta, pede à Tia Léa prestar atenção no vento – o que qualquer pessoa poderia observar - e insinua ao leitor o despreparo dos profissionais brasileiros. Mais uma vez, ponto negativo para o Brasil: “Alô, Alô, W o Brasil! ”

Alô, Alô tia Léa  
Se tiver ventando muito  
Não venha de helicóptero  
Alô, Alô tia Léa

Se tiver ventando muito  
Não venha de helicóptero

Alô, Alô, W o Brasil!  
Alô, Alô, W o Brasil!

E, por fim, os versos finais, numa explícita homenagem a Tim Maia. A voz que se ouve em discurso direto seria atribuída ao “síndico”, que se mantém em posição de autoridade, dando ordens em tom ameaçador – brincadeira do autor com a personalidade de Tim Maia, conhecida por ser uma pessoa polêmica, imprevisível e dada a confusões, que não tinha nada de pontual e sempre reclamava, durante seus shows e gravações, do retorno do som e ordenava que equalizassem os “graves, médios e agudos” direito, tendo essa reclamação sobre o som se tornado uma constante em seus shows, tanto que ganhou notoriedade e passou a ser marca do seu discurso, reconhecido entre os fãs e a mídia como clichê de Tim Maia.

- Alô telefonista  
Me desperte às 7:15 por favor  
Rádio táxi 9 e meia  
Senão o bicho pega  
Eu também quero graves  
Médios e agudos...

Sua fama era de briguento e transgressor das leis (usuário assumido de drogas e álcool, preso por roubar gasolina num posto de combustíveis americano e mesas e cadeiras no Brasil). Sua fúria e seu talento não tinham limites, era amado e odiado ao mesmo tempo. Nesse sentido, Dunker (2017) assevera: “A intervenção diagnóstica da canção está em introduzir na figura do síndico ninguém menos do que Tim Maia. Errático e irreverente, de vida e música sincrética, o cantor era, em inúmeros sentidos, o antimodelo ideal para “representar a lei”.

Na sequência do texto, a voz que dá vida ao enunciado coloca-se em primeira pessoa, representando o sujeito que decide agir em meio ao Brasil conturbado do início da década de 90. “Eu vou chamar” é a expressão indicadora da ação, todavia o que se nota é a insinuação da semelhança entre o tráfico, a violência na favela e a autoridade repleta de deficiências do “síndico”, que causa mais problemas que solução. Metaforicamente se estabelece o fechamento do tema, as autoridades que não exercem o poder de governar honestamente são tão inúteis ou perigosas quanto os sujeitos cujas vidas se fundamentam na violência e no crime. Não adianta chamar ninguém, é necessário que cada um desperte e aja.

Eu vou chamar:  
Jacarezinho! Avião!  
Jacarezinho! Avião!  
Cuidado com o disco voador

Tira essa escada daí  
Essa escada é pra ficar  
Aqui fora  
Eu vou chamar o síndico:  
Tim Maia! Tim Maia!  
Tim Maia! Tim Maia!  
Tim Maia!

É importante dizer que a análise não pretende esgotar as possibilidades de leitura, tendo em vista essa ser uma intenção audaciosa e impossível de se concretizar, tendo em vista que a construção dos sentidos se dá pela aceitabilidade do leitor diante do texto, aplicando todos os esforços interpretativos a partir dos seus conhecimentos cognitivos, sempre considerando os fatores pragmáticos e histórico-sociais diante do ato de ler. O exercício de leitura aqui exposto pode ser traduzido eficientemente pelas palavras de Solé, escolhidas para fechar esta análise:

Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias; precisamos nos envolver em um processo de previsão e inferência contínua, que se apoia na informação proporcionada pelo texto e na nossa própria bagagem, e em um processo que permita encontrar evidência ou rejeitar as previsões e inferências. (SOLE, 1998, p.2)

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização deste estudo, é possível declarar que o contexto ideológico, histórico e social que compõem a realidade do sujeito concedem a realização de um discurso embasado na conexão que ele pode estabelece dentro de sua memória, como se viu na canção em que Ben Jor parece estar fazendo justaposição de ideias confusas, sem elo que gere coerência, ou seja, parece não haver sentido naquilo que se enuncia. Na verdade, o elo só pode ser estabelecido exoforicamente, no contexto em que se insere o texto e o autor. Cabe ao leitor a postura curiosa e de atitude crítica diante daquilo que lê, dedicando-se a construir efetivamente os sentidos para o texto. W Brasil é de fato complexa pela sua temporalidade, mas com pesquisa e afinco o entendimento se constrói e o que se vê é uma verdadeira arquitetura linguística, que grita sentidos por todos os lados, sentidos estes que podem ser reconstruídos por outros sujeitos, em outros momentos da história, já que a letra desta canção é patrimônio histórico brasileiro, à disposição daqueles que desejarem dela degustar. Seus efeitos de sentido não acabam aqui, como bem conclui as palavras que se seguem:

Cada grupo encontrará ainda um prazer adicional. Além da mensagem que lhe é especialmente destinada, há o benefício secundário de a forma dela ser tão particular que só pode ser lida e compreendida por “nós”. Os “outros” estão excluídos. Ou seja, a forma da letra, ela mesma, pratica seu tema, que é a vida no condomínio Brasil. (DUNKER, 2017)

## 7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Eianny Cecília de Abrantes Pontes e. Os processos referenciais na construção da argumentação textual: Um estudo do Gênero artigo de opinião. 2019. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras - (PPGL) Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), 2019.

BRANDÃO, H. N. e MICHELETTI, G. Teoria e prática da leitura. In: Coletânea de textos didáticos. Componente curricular Leitura e elaboração de textos. Curso de Pedagogia em Serviço. Campina Grande: UEPB, 2002.

BOFF, Leonardo. **A Águia e a galinha: uma metáfora da condição humana**. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2016.

DUNKER, Christian. A lógica do condomínio. *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, número 11, página 102 - 109, 2017

DUCROT, O. Princípios de Semântica Linguística: dizer e não dizer. Tradução: Carlos Vogt, Rodolfo Ilari e Rosa Attié Figueira. São Paulo: Cultrix, 1972.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. Linguística Textual: introdução. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1988.

KOCH, I. V., ELIAS, V. O texto na Linguística textual. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira (org), O texto e seus conceitos. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. Ler e compreender. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LEITE, Lígia Chiappini de Moraes. Gramática e Literatura: Desencontros e esperanças. In: GERALDI, João Wanderley (org.), O texto na sala de aula. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio, Linguística de Texto: o que é e como se faz?. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

\_\_\_\_\_. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENDES SANTOS, M. R. (2009). O Estudo das Inferências na Compreensão do Texto Escrito. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

MOURA, H. M. de M. Leitura de textos e inferências. In: ESPÍNDOLA, L.; SOUSA, M. E.V. (orgs.). O texto: vários olhares, múltiplos sentidos. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007. p. 33-46

ORLANDI, E. P. Discurso e leitura. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

RIBEIRO, Cecília. Alô, Alô, W / Brasil! Washington Olivetto fala sobre produções publicitárias. **Carona**. São Paulo, 07 de outubro de 2015. Disponível em: <http://gshow.globo.com/> Acesso em 12/11/2021.

SAVIOLI, F. P.; FIORIN, J. L. Para entender o texto: leitura e redação. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

SOLÉ, I. Estratégias de Leitura. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, A. E.; PASINATTO, R.; WAYHS, M. O. O ato de pressupor e subentender: considerações sobre aspectos semânticos na leitura e compreensão dos sentidos do texto. In: Linguagem. Edição 17- 2º semestre de 2011. Acessado em: 20/05/2015.

VILLAÇA, Túlio Ceci. E o que é que deu? Funk na cabeça. **Sobre a Canção**. São Paulo, 28 de agosto de 2010. Disponível em: <https://tuliovillaca.wordpress.com/> Acesso em 11/11/2021.

ESTADÃO. Escadinha, o astro do crime. Publicado em 23 de setembro de 2004. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,escadinha-o-astro-do-crime,20040923p15482> Acesso em 10/11/2021.